

SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICO – 05
NOVOS TEMAS DE GEOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA

A PRISÃO GEOGRÁFICA CHINESA E SUAS IMPLICAÇÕES COM A GEOPOLÍTICA

**THE CHINESE GEOGRAPHIC PRISON AND ITS IMPLICATIONS WITH
GEOPOLITICS**

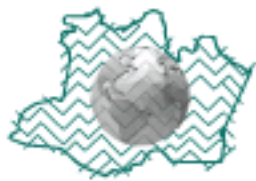
Izen Pollari Mascarenhas
20892065@faculdadelasalle.edu.br
Elly Romão Moreira
20892057@faculdadelasalle.edu.br

RESUMO

Este artigo analisa a realidade geopolítica da China e sua influência nas relações de poder da Ásia e além. Explora a prisão geográfica imposta à China e suas implicações geopolíticas, incluindo a distribuição econômica e populacional, a organização logística e as decisões políticas, econômicas e militares tomadas desde os anos 50. Examina as estratégias adotadas pela China para se tornar um player relevante no cenário internacional e os impactos dessa prisão geográfica, como a dificuldade de acesso ao mar aberto e a presença de territórios disputados. Analisa como esses fatores afetam as relações internacionais da região e a política externa chinesa em busca de recursos naturais e novos mercados. Destaca a importância do Mar do Sul da China para a segurança chinesa e a pressão dos Estados Unidos na região. Concentra-se nas populações afetadas pela geografia da região e destaca a importância dos limites territoriais impostos, apresentando mapas ilustrativos. Observa as transformações da China na busca por rotas alternativas e a conclusão destaca as medidas tomadas pelo governo chinês para garantir sua posição como potência política e econômica.

Apoio:





I CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

PALAVRAS-CHAVES: Geopolítica Chinesa, Poder Marítimo, Mar do Sul da China, Nova Rota da Seda e Relações Internacionais

ABSTRACT:

This article analyzes China's geopolitical reality and its influence on power relations in Asia and beyond. It explores the geographical prison imposed on China and its geopolitical implications, including economic and population distribution, logistical organization and the political, economic and military decisions taken since the 1950s. It examines the strategies adopted by China to become a relevant player in the scenario international market and the impacts of this geographical prison, such as the difficulty of accessing the open sea and the presence of disputed territories. It analyzes how these factors affect the region's international relations and Chinese foreign policy in search of natural resources and new markets. Highlights the importance of the South China Sea for Chinese security and US pressure in the region. It focuses on populations affected by the geography of the region and highlights the importance of imposed territorial limits, presenting illustrative maps. It observes China's transformations in the search for alternative routes and the conclusion highlights the measures taken by the Chinese government to guarantee its position as a political and economic power.

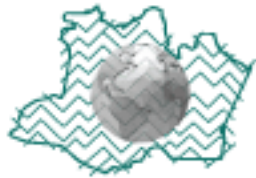
KEY-WORDS: Chinese Geopolitics, Sea Power, South Sea of China, Silk Route and International Relations.

INTRODUÇÃO

O espaço terrestre e marítimo da China é vasto e diverso, com planícies férteis no Sul, estepes ao norte e a cordilheira do Himalaia a oeste, incluindo o planalto do Tibete. O clima é variado, com zonas que vão de tropical a temperado,

Apoio:





frio e equatorial. A importância dos mares é reconhecida ao longo da história, devido aos recursos naturais e à projeção geopolítica que oferecem.

Dominar os mares sempre foi um pré-requisito para o estabelecimento de uma potência hegemônica. A China sente a necessidade de desenvolver rotas alternativas para o comércio devido às ameaças representadas pelos tigres asiáticos e países próximos à costa chinesa, como Taiwan. O governo chinês renovou seus programas militares, com destaque para a marinha de guerra, e está construindo bases navais estratégicas no mar meridional da China.

A análise das relações com países como Paquistão, Afeganistão e Índia é importante considerando o potencial de mudanças no cenário comercial global da região. O estreito de Malaca é um obstáculo para a China, pois grande parte de seu comércio passa por lá. Diante dessas pressões, a China prioriza o projeto da Nova Rota da Seda, que é fundamental para seu desenvolvimento comercial e econômico.

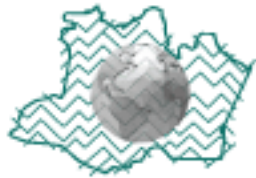
CAPÍTULO I, O PODER MARÍTIMO DE MAHAN E A PRESSÃO SOB O ESTADO CHINÊS

Os oceanos, bem como os mares, historicamente são entendidos como redes de informação e interlocução entre nações. O entrelaço entre o desenvolvimento dos Estados e o domínio de sua geografia simplifica bem a envergadura atual de países que pelo domínio predominante dos mares e a defesa desses espaços, tornaram-se potências.

Alfred Thayer Mahan foi um influente estrategista naval dos Estados Unidos no final do século XIX, enfatizou a importância do poder marítimo para a segurança e prosperidade de uma nação, desenvolveu a teoria de que a grandeza de uma nação estava ligada à sua capacidade de controlar o mar e suas rotas comerciais, as contribuições de Mahan para a estratégia naval foi o conceito de “entroncamentos”, que se refere a áreas de importância estratégica que controlavam rotas marítimas-chave.

Apoio:





I CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

De acordo com Mahan (1982) a associação estratégica do ser humano com o mar torna possível e mais fácil a comunicação, além de possibilitar o acesso a recursos econômicos de natureza biológica, mineral e energética. Para se ter uma ideia, cerca de 70% dos transportes comerciais mundiais são feitos por rotas marítimas. O interesse econômico por este meio continua aumentando mesmo na atualidade.

A vulnerabilidade da China aos mares é cada vez maior. O Estreito de Taiwan e o Estreito de Malaca são dois exemplos de postos-chaves que poderiam ser controlados por potências navais para ameaçar a segurança e a economia chinesa, regiões estratégicas para a China por proporcionarem acessos ao Mar da China Meridional. O controle a esses estreitos é fundamental para a segurança da China, em virtude da disposição aos recursos naturais da região.

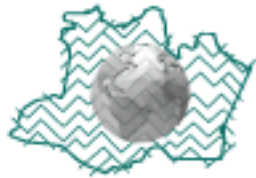
Após a Segunda Guerra Mundial, a tensão entre os Estados Unidos e a União Soviética, conhecida como Guerra Fria, levou os Estados Unidos a buscar alianças e estabelecer bases militares em países da região da Ásia-Pacífico. Para garantir sua segurança e a de seus aliados, os Estados Unidos assinaram uma série de acordos de defesa mútua com países como Japão, Coreia do Sul, Taiwan e Filipinas, onde mantiveram bases militares, equipamentos e tropas.

Essas alianças e bases militares formaram um “muro de contenção marítimo” dos Estados Unidos, que visava deter a expansão do socialismo na região. Permitindo aos Estados Unidos ter relações mais brandas com a China, o que ajudou a governança de Deng Xiaoping a implementar reformas e abrir a economia chinesa nas décadas seguintes. Essa ruptura no bloco comunista permitiu aos Estados Unidos e seus aliados terem relações mais favoráveis com a China e contribuíram para o seu crescimento econômico nas décadas seguintes (KISSINGER, 1994, p. 581)

Com o fim da bipolarização e a nova ordem, as guerras entre os estados seriam desinteressantes já que as novas relações econômicas advindas da globalização não só seriam restritas aos Estados, mas também englobando as

Apoio:





multinacionais, fariam com que os prejuízos financeiros possivelmente causados nos conflitos desencorajaram os estados a irem a guerra,

Durante esses eventos a presença militar americana no mar do sul da China, seguiu, porém de forma reduzida, as relações amenas entre os dois resultaram em uma série de exercícios navais conjuntos desde 1995 com o Exercise Maritime Interception Operations (MIO) sendo o primeiro em que a China participou com os Estados Unidos, porém a partir de 2010 quando a China se firma como segunda maior economia do planeta, e passa a se destacar em gastos militares e tecnológicos, problemas entre os dois voltam a surgir.

"A iniciativa 'pivot to Asia' foi concebida para responder ao crescente poderio militar e econômico da China. Ela inclui um aumento na presença militar dos EUA, em parcerias de segurança com países aliados e em compromissos diplomáticos, tudo em uma tentativa de reforçar a ordem internacional baseada em regras" (LIN, 2013). A pressão ao Estado Chinês resultou na procura de alternativas para seu comércio, como é o caso da iniciativa rota da seda.

CAPÍTULO II, A GEOGRAFIA DA CHINA

Procura-se explicar neste capítulo a consolidação da geografia terrestre chinesa. A aparição de outras prioridades de Estado como as demandas de consumo, levando em conta que cerca de 23% da população terrestre estaria concentrada na China e somente 7% de suas terras eram aráveis.

A cordilheira mais famosa é a cadeia do Himalaia, que fica na fronteira com a Índia e o Nepal e inclui o Monte Everest, a montanha mais alta do mundo. Outras cadeias montanhosas notáveis na China incluem as Montanhas Kunlun, as Montanhas Tian Shan e as Montanhas Hengduan. O país também possui uma variedade de planícies e planaltos, incluindo as planícies do norte da China, que são ricas em recursos naturais e são uma importante área agrícola. Uma das divisões geográficas mais importantes da China é a divisão entre a planície fértil e o planalto árido. "A China é um país caracterizado por uma ampla variedade de

Apoio:



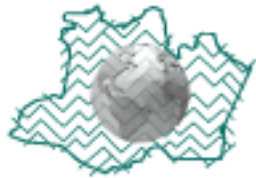
Secretaria de
Educação Superior,
Ciência, Tecnologia e Inovação



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO



FACULDADE
LaSalle
Manaus



I CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

paisagens, que vão desde altas montanhas até vastas planícies. Essa divisão geográfica entre planícies férteis e planaltos áridos tem sido de grande importância para a história e desenvolvimento do país." (LI, 2017).

A planície fértil, também conhecida como a “China do Leste”, esta região é caracterizada por uma topografia relativamente plana, um clima temperado e uma rica fertilidade do solo, tornando-a uma área ideal para a agricultura. A topografia é bastante acidentada, com muitas montanhas e vales profundos. A planície do Tibete, que se estende pelo platô tibetano, é uma das regiões mais áridas do mundo. Devido às diferenças geográficas entre as duas regiões, a economia e o modo de vida nas áreas são diferentes.

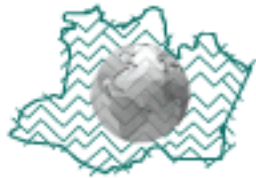
Desse modo, o seu desenvolvimento e sustento tornaram-se uma enfermidade, bilhões de chineses, é pouca estrutura para seu sustento e aproveitamento. Somente nos anos 1970 a política expansionista chinesa iniciou uma abertura econômica. Por meio do surgimento de uma série de províncias na costa marítima de seu espaço geográfico ao leste, acessando o oceano pacífico por meio dos mares meridionais e sul da China. Desta forma, transformando-se numa potência exportadora marítima, tanto no seu abastecimento de matéria prima para a indústria, quanto para a logística de exportação marítima (COKIER,2023).

A geografia da China, com seus rios, montanhas e desertos, influenciou sua história e cultura. Os rios foram essenciais para a agricultura e o comércio, enquanto as montanhas e desertos protegiam a China de invasões. Fatores políticos e econômicos também tiveram impacto, como a expansão territorial durante a dinastia Han e a promoção do comércio ao longo da Rota da Seda durante a dinastia Tang. A China compartilha fronteiras com a Rússia, Mongólia, Sudeste Asiático continental e países da Ásia Central, o que influencia sua política externa e relações comerciais (KOPP, 2013, p. 32).

CAPÍTULO III, DAS GEOPOLITIK

Apoio:





I CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

A geografia também tem um papel crucial na formação histórica das sociedades. As condições materiais impostas pelo ambiente determinam a forma como cada povo viverá e interage com a natureza ao seu redor. (SCHWARCZ, 1993, p. 9) A história traumática de uma sociedade também pode influenciar na forma como ela se organiza. Ora uma sociedade onde tenha ocorrido um trágico incêndio de uma infraestrutura pública, terá leis mais duras de fiscalização dessas instalações, por exemplo.

O pensamento geopolítico também é influenciado pela formação histórica de uma sociedade. “A geografia fornece a base para a história, e a história é a base para a política” (MACKINDER, 1919, p. 428). As medidas de conquistas territoriais tomadas por Mao no passado, que até então tinham como motivação a garantia da proteção da área core da China, o Núcleo Han, alargaram e fundamentaram as fronteiras da China moderna.

O CORE

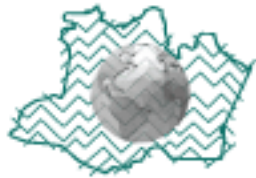
De acordo com (KAPLAN, 2012.) O núcleo geopolítico de um país é a região estratégica que concentra os principais recursos, infraestrutura e população, exercendo influência direta sobre as demais áreas. É o coração econômico e político do país, determinando suas relações internas e externas."

De acordo com Laruelle (2019), o objetivo de Mao Zedong era criar zonas tampão para garantir a segurança da China, fundamentando as fronteiras modernas e contribuindo para a projeção externa do país. A aliança com a Rússia assegura a estabilidade da Ásia Central, protegendo-se pelo Tajiquistão dos extremistas islâmicos em Xinjiang.

As relações com o Paquistão por exemplo, limitam a capacidade da Índia de acessar a Ásia Central pelo seu norte, atrelado a presença chinesa no Tibete impondo assim uma enorme pressão sobre a área core da Índia está consolidada na bacia do Ganges, próximo ao Tibete, um ponto a se destacar é a cordilheira do

Apoio:





Himalaia que atua como uma grande barreira entre os dois países, tido como um fator crucial da dificuldade dos dois países entrarem em guerra.

A Coreia do Norte também é peça fundamental da capacidade de projeção da China, atuando com pressão sobre as tropas americanas no Sul e no Japão mas também servindo de abastecimento a futura iniciativa Chinesa de aumentar suas relações diplomáticas no pacífico, dos alvos chineses na região destacamos as Ilhas Salomão que também podem vir a se converter em zonas de pressão sobre a Austrália.

AS PRESSÕES DO ULTRAMAR

O aumento da relação diplomática e comercial com os países ocidentais a China viabilizou seu crescimento econômico que já nos anos 90 voltou a preocupar os EUA, que passou a reorientar sua atenção para a mesma, essa tensão levou a momentos complexos nas relações entre os dois países. Segundo (XUETONG, 2011, p. 324) "o incidente da colisão de aviões entre China e Estados Unidos em 2001 marcou um ponto de virada nas relações bilaterais, levando a uma redução das tensões. Ambos os lados perceberam a necessidade de evitar um confronto direto e buscar um caminho de cooperação e engajamento mútuo".

Os eventos de 11 de setembro abalaram profundamente os planos estratégicos dos Estados Unidos, com a necessidade de se neutralizar ameaças advindas do oriente médio e com forte interesse econômico na região, os Estados Unidos canalizaram seus esforços na mesma, ficando atolados na região por mais de uma década, dando a China tempo para se organizar principalmente, no setor militar.

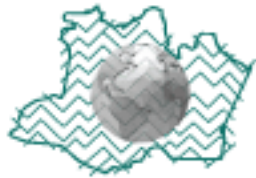
De qualquer forma a China hoje usufrui de uma posição mais confortável que em 2001, tendo uma economia forte e diversificada, uma indústria moderna e resiliente, e uma força armada capaz de proteger sua soberania. "Os Estados Unidos parecem estar preocupados com o desenvolvimento da China em todas as frentes. Desde os anos 1990, os EUA têm mantido sua política de contenção contra

Apoio:



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO





a China e, com a sua 'Pivot to Asia', a China tornou-se um foco ainda maior de atenção dos EUA.” (JISI,2013)

A ROTA DA SEDA E A FUGA DA PRISÃO

Após elucidar todas as prerrogativas geoestratégicas e suas implicações com a prisão geográfica chinesa, se apresenta o processo burocrático para viabilização da nova rota da seda a partir de debates e considerações entre o Estado Chinês e as principais autoridades de instituições internacionais, militares e estatais. Em consonância com Pereira (2018), O comércio coeso chinês garante sua estabilidade, porém esse intenso fluxo começa a implicar com o grau de dependência para com o mar.

A RPC modificou de maneira estratégica seu planejamento militar, que passou da ordinária defesa costeira à expansão naval oceânica. Uma dilatação rumo aos mares mais distantes mesmo com toda uma geografia marítima militar que a cerca, remetendo desta maneira os conceitos estabelecidos Mahan (1840-1914). Destacam-se a integração político-econômica no sudeste asiático como crucial para o desenvolvimento da Ásia no âmbito comercial global. Em outubro de 2013, durante um encontro da ASEAN, foi levantado por Xi Jinping, o aprofundamento nas cooperações marítimas entre China e todos signatários da associação (ABDUL,2021)

O teatro de arranjos entre a ASEAN e a RPC asseguram as preocupações imprescindivelmente chinesas com suas limitações logísticas sendo a número 1 da exportação global. Através destas parcerias estratégicas a China passa a abranger suas possibilidades e a lidar permanentemente com a questão dos poderes marítimos de outros Estados a Leste e ao Sul. Lembra-se ainda a existência da ALCAC (Área de livre comércio entre a Associação do Sudeste Asiático e a China (GREENWALD,2006).

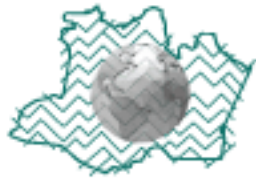
A aproximação entre China e Rússia pode ser vista como uma estratégia para garantir o acesso da China à rota do Ártico e garantir que ela possa se

Apoio:



AMAZONAS
GOVERNADOR DO ESTADO





I CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

beneficiar plenamente desse novo corredor comercial. Em 2018, China e Rússia assinaram um acordo para criar uma “rota do Ártico da seda” que visa promover o comércio e a cooperação entre os dois países, e desde então têm se intensificado os investimentos chineses na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi prospectar a prisão geográfica da China, considerando os aspectos geopolíticos marítimos e terrestres. O texto foi dividido em três capítulos principais que abordam a complexidade geográfica chinesa, incluindo a importância do acesso ao mar e as políticas de contenção.

Foram analisados aspectos delicados, como a rivalidade com a Índia e as implicações demográficas e produtivas. O último capítulo focou na diplomacia da China para solucionar sua prisão geográfica, destacando a Nova Rota da China como o maior projeto geopolítico e estratégico do governo de Xi Jinping.

Foram observados os movimentos do Estado Chinês diante de suas circunstâncias geográficas, buscando impulsionar o comércio e a economia através de acordos diplomáticos, políticos, econômicos e militares, visando se tornar a próxima hegemonia global

Apoio:



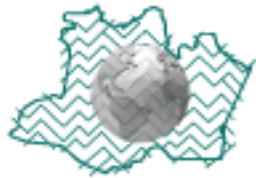
Secretaria de
Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO



FACULDADE
LaSalle
Manaus



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKIB, H. SYAEFULLAH, L. ABDUL, H. (2021) **Revitalização da Rota da Seda Marítima com Base nas Implicações de Segurança e na Cooperação.** *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*. V.10, N.20, P. 74-89

YAN XUETONG. **The Transformation of Chinese National Security Strategy.** *The Chinese Journal of International Politics*, vol. 4, no. 3, 2011, pp. 299-342.

BARNETT R. Rubin. **The Fragmentation of Afghanistan: State Formation and Collapse in the International System.** *New Haven: Yale University Press*, 2002, p. 174.

CARVALHO NETO, Virgílio. **Poder Marítimo: Geopolítica e Estratégia Naval.** 1 ed. Rio de Janeiro: *Biblioteca do Exército Editora*, 2017. 320 p.

FERDINAND.P.(2016) **Westward the China dream and ‘one belt, one road’: Chinese foreign policy under Xi Jinping.** *International Affairs*, v. 92, n. 4, p. 941-957

FRIEDMANN, J. (1966). **Regional development policy: A case study of Venezuela.** *MIT Press*.

GIUSEPPE, F. **Geopolítica do Século XXI: A Perspectiva Chinesa do Sistema Internacional.** *GEOSUL*, Florianópolis, v. 35. P. 621-644. Dez.2020.

HAYTON, B. (2014). **The South China Sea: The Struggle for Power in Asia.** *Open Edition Journals.* *Yale University Press*.

LI. (2017). **Geographical Patterns and Regional Development in China.** In *Handbook of Regional Science* (pp. 1-21). Springer, Cham.

KAPLAN, R. (2012). **The Revenge of Geography: What the Map Tells Us About Coming Conflicts and the Battle Against Fate.** Random House Trade Paperbacks.

LARUELLE, M. (2019). **China and Central Asia: A New Great Game?** University of Washington Press.

Apoio:

